
ENTRE O KULA E A DÁDIVA: CONFLUÊNCIAS E DE DIVERGÊNCIAS ENTRE DUAS CATEGORIAS DE PENSAMENTO

BETWEEN KULA AND GIFT EXCHANGE: CONFLUENCES AND DIVERGENCIES BETWEEN TWO THOUGHT CATEGORIES

Amaro Xavier Braga Jr¹

<http://lattes.cnpq.br/3072812137317009>

<https://orcid.org/0000-0001-7611-6470>

Recebido em: 28 de março de 2020

Aprovado em: 11 de julho de 2020

RESUMO: O trabalho, constituído de forma ensaística, se estrutura a partir da análise bibliográfica, de base hermenêutica, de dois dos conceitos mais famosos e recorrentes nos estudos clássicos de teoria antropológica: a instituição do Kula, estudada por Bronislaw Malinowski, na Escola Britânica e os estudos sobre a Dádiva efetuados por Marcel Mauss na Escola Francesa, apontando as diferenças e semelhanças entre as duas abordagens. Propõe que há uma interpelação de base econômica em que ambos atuam no movimento das dinâmicas sociais do grupo, com a ressalva que todo e qualquer sistema de troca tem valor comercial, mas que não são absolutos e nem deve reduzir o fenômeno ao mercantilismo; e, posteriormente, no estabelecimento simbólico, dos valores de troca; e se distanciam na percepção da ideia de posse sobre o bem e de como este bem conduz o prestígio e as regras sociais que regulam as trocas.

Palavras-chaves: Teoria Antropológica; Bronislaw Malinowski; Marcel Mauss; Categorias de Pensamento.

ABSTRACT: The work, constituted in an essayistic way, is structured from the bibliographic analysis, of hermetic basis, of two of the most famous and recurring concepts in the classic studies of anthropological theory: the institution of Kula, studied by Bronislaw Malinowski, in the British School and the studies on the Gift carried out by Marcel Mauss at the French School, pointing out the differences and similarities between the two approaches. It proposes that there is an interpellation of economic base in which both act in the movement of the social dynamics of the group, with the proviso that each and every exchange system has commercial value, but that they are not absolute and should not reduce the phenomenon to mercantilism; and, later, in the symbolic establishment, of exchange values; and they distance themselves in the perception of the idea of possession over the good and how this good leads the prestige and the social rules that regulate exchanges.

Keywords: Anthropological Theory; Bronislaw Malinowski; Marcel Mauss; Thought Categories

¹ Professor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: amaro@ics.ufal.br

1 INTRODUÇÃO

O modelo de pensamento científico chamado “Funcionalismo” foi o precursor da configuração de diversas abordagens das ciências sociais. Responsáveis, como se sabe, pela institucionalização destes corpos de saberes na universidade e por introduzir seus pesquisadores no campo científico mais consolidado.

Na Antropologia, fez representantes em diferentes países. Entre eles, destacamos Marcel Mauss, na Escola Francesa e Bronislaw Malinowski, na Escola Britânica. No vasto trabalho destes dois autores, é possível identificar alguns pontos de confluência e de divergência sobre diversos aspectos, tanto teórico, quanto metodológicos.

Minha proposta, neste breve artigo, é relacionar dois dos conceitos mais famosos e recorrentes entre estes dois autores: a instituição do Kula, estudada por Malinowski e os estudos sobre a Dádiva efetuados por Marcel Mauss, apontando as diferenças e semelhanças entre as duas abordagens. Estas categorias de pensamento são extremamente importantes para compreender as dinâmicas de interação e organização social de grupos humanos, em uma abordagem que, historicamente, ficou conhecido como funcionalismo. E, mesmo entre as pesquisas que não seguem esta escola de pensamento, podem se apropriar destas categorias para compreender dinâmicas e processos diversos, pelo qual ocorre materialização de ações humanas por vias de sistemas culturalmente estabelecidos. Por isso, metodologicamente, o percurso foi de análise bibliográfica, compondo-se de um ensaio teórico que toma como base a hermenêutica dos conceitos em situação comparativa.

2 CONFIGURAÇÕES DA ABORDAGEM FUNCIONALISTA

A busca pela compreensão do comportamento humano levou a antropologia (e os estudiosos que se filiaram ao pensamento) a esmiuçarem a exotividade da cultura humana em busca de elementos comuns e processos elucidativos sobre as aparências da cultura. O objetivo era tanto compreender quanto explicar a cultura humana. Depois das incursões filosóficas e do desenvolvimento do que ficou conhecido como Evolucionismo e de propostas tangenciais que, de alguma forma, procuravam entender a dimensão humana – como o foi a psicanálise de Freud e a Semiologia de Saussure (e neste interim, também por escolas de pensamento do Difusionismo e do Darwinismo Social), surgiu o Funcionalismo.

Guinando-se pela, na época emergente, dimensão científica (ou positiva) da abordagem científica (espelhando-se nos trabalhos de Auguste Comte e Emile Durkheim, principalmente), o Funcionalismo foi responsável pela estruturação e perduração acadêmica do pensamento antropológico².

Erikson e Murphy (2015) enfatizam como a obra de Durkheim é precursora tanto da abordagem funcionalista – ao qual ele é signatário – quanto influenciador das abordagens estruturalistas (antropologia Estrutural Francesa e Antropologia Social Britânica).

Antes de estabelecer as relações de confluências e relevância entre os autores, se faz necessário repassar em que consiste estas categorias em separado, como será exposto, adiante.

² Seu surgimento e desenvolvimento é atrelado, em boa medida, às tentativas de enfrentamento ao Evolucionismo, frequentemente relacionado às leituras da organização humana como decorrentes de processos evolutivos e as próprias formas de pensamento dos grupos humanos.

3 O KULA EM BRONISLAW MALINOWSKI

As abordagens evolucionistas listavam uma série de aspectos de orientação metodológica que, com o tempo, ocasionarão uma reflexão sobre o trabalho de campo e as possibilidades de respostas que o pesquisador pode ter ao refletir sobre seus métodos. Os relatos de viagem, apesar de trazerem muitas informações, possuíam um discurso parcial. Eram imprecisos e valorativos. Estas percepções sobre estes relatos levarão os pesquisadores a sentirem necessidade de estarem presentes no momento de captação destas informações e ir até o seu campo de análise. A observação *in loco* passa ser um instrumento de trabalho.

O evolucionismo desenvolveu questões centrais inferindo sobre as origens da humanidade e os determinismos da ideia de “civilização”. Estes aspectos levaram os estudiosos de época a promover um amplo mapeamento destas sociedades com um objetivo de criar um mapa de sociedades primitivas. Neste patamar, a busca de leis gerais, o princípio de unidade da humanidade e a crença em estágios de desenvolvimento se propagaram.

A questão da ideia de sobrevivência das práticas e a possibilidade de reconstituição cultural, colocará o método comparativo como base para estes estudos. Malinowski vai desenvolver seus pensamentos iniciais como inquietações sobre estas bases evolucionistas. Suas propostas seguem no sentido de romper com estas tradições e com seus métodos. Para romper com o método, portanto, seria necessário, propor um novo meio de acessar as informações e estabelecer esquemas de orientação sobre até onde levam estes dados. É nesta ambientação que ele estabelece as bases para seus estudos de campo, tomando como referência diversos antropólogos que já começavam a ir ao campo colher seus próprios dados. Os critérios eram justamente aqueles que se apresentavam como problemas nos relatos de viajantes: a necessidade de realizar uma descrição sincera e verdadeira sobre o observado. Por sua vez, esta acuidade permitiria distinguir o que era fruto da observação do pesquisador e o que era a opinião, a fala e a voz do nativo. Além de enfatizar que a presença do pesquisador, por um período mais prolongado de tempo, permitiria desenvolver intimidade, que levaria, por conseguinte, a obtenção de informações mais cruciais. Desta forma, a coleta, a manipulação e o registro passam a ser procedimentos necessários para o fazer pesquisa.

O trabalho de Bronislaw Malinowski antecede o de Mauss, tanto teoricamente (ao identificar e estudar um sistema especial de trocas), quanto metodologicamente (ao enaltecer como a inferência teórica deveria ser desenvolvida com base no trabalho de campo – etnográfico). Inclusive, muitas das aulas de Mauss toma como base o trabalho de Malinowski sobre o *Kula* (assim como faz em torno do *Potlach* no trabalho de Boas).

O Kula é um sistema de circulação e intercâmbio de objetos, descrito no livro “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”, que ocorria num conjunto de ilhas na região da Nova Guiné. Esta circulação era motivada, essencialmente, pelo intercâmbio de objetos chamados de “*vai-gua’a*” e eram transportados por canoas em dois sentidos distintos: no sentido horário eram transportados os colares (*souvala*) e no sentido anti-horário, circulavam os braceletes (*mvali*). Estas peças eram trocadas umas pelas as outras (bracelete pelo Colar e vice-versa) e seguiam de sua origem ao seu destino, os sentidos supracitados. Isto é, a pessoa que recebe um bracelete vai dar um colar e a que recebe um colar, ofertará um bracelete e assim por diante. Estes objetos eram construídos com materiais marinhos: conchas de moluscos e de ostras, adornados com sementes, linha e traçados coloridos. Sempre usados como adornos corporais e de vestimentas nos eventos sociais e festivos, na maioria das vezes, em grande quantidade, mos-

trando o qual valorado e honrosa é a pessoa que possui os adornos. (LANNA, 2000; MALINOWSKI, 1976).

O Kula é descrito por Malinowski como algo muito mais amplo que um sistema de trocas. Ele é um mecanismo social de regulação dos níveis de solidariedade (aproximando-se de Durkheim e da lógica funcionalista). Pois era através do Kula que determinados laços sociais eram construídos entre quem ganha e quem se sente na obrigação de retribuir um presente (mesmo que em prestações –devido ao valor agregado do material ofertado e a dualidade do receptor em retribuir a altura o presente).

Peirano (2003) propõe, inclusive, que é possível defender que Malinowski mostrava como o Kula desenvolvia um processo de gerenciamento do sistema de comunicação entre os habitantes daquelas ilhas, motivando-os à circulação intermitente, obrigando-os a estarem presentes nos eventos e estabelecerem um processo diplomático necessário à comunhão das relações entre os grupos. Não numa perspectiva de gerenciamento de conflitos – como será no Plotach, mas de comunicação simbólica que auxiliará as práticas econômicas, sociais e até religiosas dos grupos.

Malinowski (1976) enfatiza como o Kula mobiliza relações sociais especiais relacionadas à hierarquização das relações de Poder (quem tem mais braceletes e Colares e de quem vieram, mostrando a rede de relações e influência ao qual o líder está relacionado e até de quem ele pode receber o quê). Como também este sistema movimenta uma dinâmica econômica, cuja circulação envolve a fabricação de canoas, transações marítimas diversas, a circulação de alimentos e até a feitura de alianças matrimoniais. As cerimônias de troca também levarão ao intercâmbio de diversos outros produtos necessários à sobrevivência e desenvolvimento, das tecnologias aos materiais, criando um sistema de livre-comércio entre os integrantes do Kula. Pois seu sistema ritualístico, prevê que além dos braceletes e colares, há outros tipos de presentes, como as *pokatas* (oferendas religiosas) e os *kaributu* (presentes de solicitação). E todos estes elementos são sistemas (que possuem uma base simbólica) para formalizar as relações sociais entre os membros. Um princípio de circulação de status que se materializam nos objetos, mas ~soa concebidos na cultura simbólica que os impulsiona.

4 SOBRE A DÁDIVA EM MARCEL MAUSS

Durkheim será responsável pelo desenvolvimento de uma escola de pensamento que impactará tanto a sociologia quanto a antropologia na França (especialmente pela criação da cátedra de sociologia e pela publicação do *Année Sociologique* que juntos responderam pela propagação do pensamento de sua escola e no grande número de pensadores afiliados). Entre estes afiliados, um dos que mais se destacaram foi seu sobrinho, assistente e herdeiro acadêmico: Marcel Mauss.

Mauss começou estudando a religiosidade entre grupos arcaicos (magia e religião) e o que na época chamou de “morfologia social” entre os Esquimós. Esta noção é desenvolvida no “Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós: um estudo de morfologia social” de 1906. Sua proposta é de avaliar as relações entre os indivíduos e o meio em que habita. Isso inclui perceber as nuances entre o homem, enquanto ser cultural, a fauna, a flora e ambientação arquitetônica de ocupação do espaço e as suas respectivas formas de exploração. Isto é, este “social” constituído da interação entre os indivíduos também envolve o meio em que ele habita. “Forma” passa a ser uma categoria importante para perceber implicações estéticas de

ocupação do espaço, estrutura da linguagem e dinâmicas de inter-relação. Todas se desenvolvendo a partir do Social. Apesar de sua implicação material (e a morfologia aponta para isso), Mauss vincula esta percepção a uma dimensão simbólica. Desta forma, o sistema de trocas é impactante para a morfologia dos grupos.

Não demorou a criar e presidir um o Instituto de Etnologia na Universidade de Paris, enfatizando como esta dimensão teórico-metodológica era importante para o desenvolvimento das abordagens, na época chamadas “sociológicas” (mas que logo migrariam para uma nova nomenclatura de estudos etnológicos e por fim, antropológicos) (SABOURIN, 2008).

Mauss não apenas dá continuidade ao trabalho de seu célebre tio. Ele o atualiza, esmiúça suas lacunas e foca em aspectos mais metodológicos e construtivos (como a questão da etnografia como base, posteriormente, enfatizada por Durkheim, sob influência de Mauss).

E é já no seu primeiro trabalho, intitulado “Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício”, ao qual escreve com Henri Hubert (em 1899), que encontraremos as bases sobre uma categoria de pensamento e análise que se mostrará fecunda na antropologia: a dádiva. Mauss ao estabelecer a estrutura do sacrifício percebe como ele é, ao mesmo tempo, uma dimensão de dádiva, de troca com o sagrado. Já que se doa algo que se quer (sacrifício) por outro algo que se almeja (e cujo ato, coloca pessoa e deidade num contrato de mútua obrigação). Esta percepção segue em amadurecimento em estudos futuros. Especialmente no que é considerado a obra prima deste autor: o “Ensaio sobre a dádiva”.

Segundo Fournier (1992), este trabalho de Mauss tanto sintetiza suas preocupações científicas e políticas, quanto mantém uma continuidade do pensamento durkheimiano (ele se refere a ideia de construção de nação e a relação indivíduo-sociedade, respectivamente).

E é justamente na revista *Année Sociologique* que Mauss começa as imersões teóricas que o levarão a desenvolver o *Ensaio...* uma série de resenhas sobre estudos etnográficos envolvendo os povos da Melanésia, atraem sua atenção para o fenômeno do *Potlach* e o sistema ritual de “dar presentes”. Assim como as aulas que realiza na universidade, analisando a obra de Malinowski.

No *Ensaio...*, Mauss analisa a instituição social das práticas de dádiva, reciprocidade e troca em um perfil comparativo a partir das etnografias da Melanésia e do Noroeste Norte-americano, assim como estabelece uma base ancestral comum e histórica ao comparar esta instituição “arcaica” com algo semelhante no direito romano, germânico e hindu. Enaltecendo como a dimensão jurídica, cultural e simbólica que a noção de “presente”, se estabelece nestas sociedades.

Sua análise do “dar presentes” mostra como há uma relação da vida econômica com a moralidade e a religiosidade. Como isso pretende defender dois aspectos: o primeiro que há a estruturação múltipla e indissociável entre as diversas instituições sociais com o comportamento humano, elemento que o levará a noção de “Fato Social Total”. Segundo, que aqueles agrupamentos humanos arcaicos, chamados na época de “primitivos” são tão complexos e dinâmicos quanto à sociedade moderna e atual (FOURNIER, 1992).

Na tradição antropológica, defende Dzimira (2014), Mauss apresenta uma nova perspectiva sobre o Dom da Dádiva, entre diversos outras tradições que fizeram incursões sobre o tema. Sua tradição, é considerada de síntese (em seus aspectos econômicos, sociais, políticas etc.), pois defende como o Dom assume uma função tripla de Dar, Receber e Retribuir, o que será chamado por ele de “Paradigma da Dádiva” (MAUSS, 2003).

A dádiva não apenas uma troca de presentes, mas coisas que estabelecem princípio de reci-

proximidade, ao qual Mauss chama de “prestações” (totais ou agnósticas). As totais seriam as formas mais elementares e as agnósticas, formas com maior incidência de competição, como será no caso do Potlach indígena analisado por ele (LANNA, 2000).

Um dos pontos importantes neste debate é compreender que a Dádiva não é uma Troca, simplesmente. Muito pelo contrário. Ela deve ser entendida muito mais como Aliança ou Contrato (com uma noção diferenciada dos filósofos políticos). Segundo Lanna (2000, p.175):

[são] tanto as alianças matrimoniais como as políticas (trocas entre chefes ou diferentes camadas sociais), religiosas (como nos sacrifícios, entendidos como um modo de relacionamento com os deuses), econômicas, jurídicas e diplomáticas (incluindo-se aqui as relações pessoais de hospitalidade).

O paradigma da dádiva é motivado por uma “força”, um tipo de energia espiritual que condiciona os indivíduos no incessante processo de dar-receber-retribuir. Para compreender esta dimensão, Mauss nomeia esta força de *Mana*, uma palavra polinésia que se refere à essência da magia ou aquilo que é combustível da magia e a faz funcionar. Uma essência imaterial por detrás das coisas e que lhe animam. A noção de Aliança, portanto, permite entender a Dádiva como uma dimensão múltipla (não apenas matrimoniais, mas políticas, religiosas, econômicas, jurídicas e até diplomáticas). Não se circula apenas bens, mas pessoas, coisas e valores.

A relação entre Mana e Dádiva é muito importante. Primeiro, para entender esta relação, é preciso retomar que a troca não é uma ação absoluta interculturalmente, isto é, o que se entende por troca numa cultura pode ser completamente diferente em outra. Mauss comprova isso comparando esta noção entre a sociedade moderna e as antigas que analisa. Uma das diferenças entre uma Troca Mercantil e uma Dádiva-troca é a presença na transação de um valor moral e ético, por isso nomeia a existência de uma “moral da dádiva-troca” que se afasta da troca mercantil que é meramente utilitária. Outro aspecto nesta relação é que estas situações não ocorrem entre indivíduos, mas entre comunidades. É neste momento que o sistema de troca, se transforma em dádiva-troca, pois há uma dimensão espiritual que permeia a dimensão material. Um indivíduo se sente obrigado a desenvolver uma troca (que possui um valor agregado) não por necessidades individuais (materiais), mas pelo simples fato de pertencer a um grupo, cuja obrigação é ancestral e herdada pelo pertencimento a este (força espiritual). Esta dimensão não está apenas nas coisas em si, mas em sua mediação enquanto ato: “o que eles trocam não são exclusivamente bens, riquezas, bens moveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas [...]” (MAUSS, 2003, p. 212). Por isso, a ênfase no Plotach: não se estabelece apenas trocas mercantis, mas trocas simbólicas, principalmente por prestígio social. Por isso a dádiva não é troca, pois honra e prestígio não podem ser trocados, mas atribuídos pela comunidade por cumprir com os princípios normativos, culturalmente instituídos.

Nesta percepção há um outro fator importante: a ideia de movimento. O mana só é despendido ou sentido ou ainda, só efetiva seu efeito compulsório da retribuição quando colocado em movimento. Isto é, quando o fluxo de ações se inicia (Um exemplo do que ocorreria no *Hau*, dos Maori, onde um presente de A, segue para B, que o repassa a C, obrigando C a devolver para B, que por sua vez, passa para A). É este fluxo que impulsiona sua efetivação. É por isso que Mauss enfatiza tanto o retribuir, pois é a manifestação por excelência da força invisível no seu questionamento de pesquisa: “Qual é a regra de direito e de interesse que, nas

sociedades de tipo atrasado ou arcaico, faz que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído [...]. Que força existe na coisa dada que faz que o donatário a retribua?” (MAUSS, 2003, p. 188).

Feito esta rápida introdução à crítica Maussiana em torno da Dádiva, podemos passar para em breve resgate do estudo sobre o Kula em Malinowski, com a intenção, posterior, de apontar suas congruências e digressões.

5 CONFLUÊNCIAS E DE DIVERGÊNCIAS

Neste momento já é possível tecer breves imbricamentos de confluência e divergência entre Malinowski e Mauss, ao descreverem o sistema Kula e a Dádiva, respectivamente. Mauss e Malinowski possuem muitas diferenças. A começar pela dimensão metodológica. Se compararmos o *Ensaio sobre a Dádiva* do primeiro, com o *Os argonautas do Pacífico Ocidental*, do segundo, podemos perceber como a questão da pesquisa de campo se pronuncia, ausente no primeiro e enfatizada no segundo³. Enquanto Mauss coloca o processo comparativo (uma cultura comparada) e um racionalismo hermenêutico como métodos, Malinowski aposta todas as suas fichas no trabalho de campo prolongado como dimensão necessária à hermenêutica etnológica:

Mas o Etnógrafo não tem apenas de lançar as redes no local certo e esperar que algo caia nelas. Tem de ser um caçador ativo e conduzir para lá a sua presa e segui-la até aos esconderijos mais inacessíveis. Isto leva-nos aos métodos mais ativos de persecução dos testemunhos etnográficos. (MALINOWSKI, 1976, p. 23).

E mais adiante, complementa: “existem vários fenômenos de grande importância que não podem ser recolhidos através de questionários ou da análise de documentos, mas que têm de ser observados em pleno funcionamento. Chamemos-lhes os [sic] imponderabilia da vida real.” (MALINOWSKI, 1976, p. 31).

Mauss se aproxima de Malinowski quando ambos procuram retratar estas comunidades arcaicas – e exóticas, defendendo como suas práticas são extremamente complexas e não são simples ou rústicas, como o senso comum a época apregoava.

O Kula é um sistema de circulação muito mais célere que outros mecanismos de dádiva. E seu valor está atrelado à circulação, de forma concomitante: quanto mais circular, maior valor desenvolve. Inclusive, Mauss descreve e associa o Kula à noção de “circuito” ou “círculo”, mostrando como ele guarda parâmetros similares ao Potlach dos nativos norte-americanos.

Malinowski percebe que neste sistema de trocas, há algo a mais que atribui um valor agregado ao objeto. Não é simplesmente seus materiais constitutivos, mas a existência de um valor de troca sobre um valor de uso (tomando a liberdade de usar uma categoria marxista). Isto é, há algo que vai além dos elementos materiais do objeto. Não são “objetos inúteis”. Malinowski, inclusive, compara-os aos objetos que existem na sociedade de sua época com uma ambientação semelhante, como são as joias da coroa britânica. Objetos que representam poder, história e legitimidade, muito mais amplas que seu valor monetário baseado na materialidade

³ Apesar da ênfase com que Malinowski é associado ao trabalho de campo, ele não foi o pioneiro, afinal, William Halse Rivers já havia feito campo em dois momentos distintos: em 1898, na expedição ao estreito de Torres, e nas ilhas Salomão em 1907. Malinowski só visitaria as Ilhas Trobriand entre 1914 e 1918. (Cf. MANDELLI, SOARES, FAVERO, 2017).

de sua constituição. Neste momento, Mauss aprofunda esta dimensão, mostrando que esta essência ampla que supera a dimensão material e incorpora – o que muitos chamarão, posteriormente, de valor simbólico – é o que ele chamará de Mana. A essência espiritual que incorpora o objeto atribuindo-lhe um valor amplo que não é visível mais identificável pelos membros do grupo, pois é culturalmente significado e percebido. Neste momento, Malinowski e Mauss concordam que os objetos desta circulação especial, são muito mais que objetos de circulação econômicos, são objetos que possuem uma natureza simbólica que não está relacionada às questões monetárias.

Buscando um processo compreensivo e tomando a liberdade de inter-relacionar as duas categorias, é possível defender que o Kula está contido na Dádiva, mas a Dádiva não se finda no Kula. O Kula é um mecanismo de dádiva que incorpora outros aspectos, como a circulação e o sentido de direção (braceletes por um lado, colares por outro). A dádiva e o Kula são princípios que atuam na “Morfologia Social” (como diria Mauss). O Kula, por si, e também um sistema econômico que movimenta – literalmente – as dinâmicas sociais do grupo. E a dádiva, não necessariamente. Pois, seus sistemas se apresentam em circunstâncias que podem estar associadas à economia (comprar presentes e retribuir seguindo os níveis dos valores econômicos a eles associados), mas também fora de um eixo econômico, pensando no sacrifício religioso de uma novena em oração (apesar que um pensador mais astuto pode reclamar e dizer que “tempo é dinheiro” e ao se doar seu tempo pessoal, na forma de Recursos humanos, se estará, da mesma forma, gastando um princípio de ordem econômica.).

Tanto Malinowski, quanto Mauss, defendem que estes sistemas de troca, são especiais. Eles se distinguem das trocas econômicas e da própria noção de moeda. No Kula as mercadorias vistas com “úteis” com valor econômico são chamadas de *gimwali*. Uma nomenclatura diferencial dos “*vaigua’a*” (os objetos de valor) trocados no Kula. Também, ambos concordam que todo e qualquer sistema de troca tem valor comercial, mas que não são absolutos e nem deve reduzir o fenômeno ao mercantilismo.

É possível ainda, para concluir esta breve resposta, apontar como diferença entre o Kula e a Dádiva, a ideia de posse sobre o bem. No Kula, os presentes são de natureza específica: são os braceletes e os colares – além dos de outras classes que antecedem o encontro ritual (como os presentes para as oferendas e solicitações). Estes não são posse finita dos presenteados. Eles são obrigados, pela honra, a passarem adiante seus objetos de adorno seguindo o esquema de circulação anteriormente descrito. A propriedade do Kula é passageira, trata-se de um “possuir sem ter”, pois, como já mencionei nos parágrafos anteriores, o Kula, como sistema de Dádiva-troca, é mais amplo que seu valor econômico, pois a troca pressupõe também um sistema de prestígio e honra que são atribuídas aos partícipes da transação. Na dádiva, não se estabelece uma limitação ao objeto. Isto é, não são objetos específicos – como os colares e braceletes. Eles também – diferentes do Kula – são possuídos pelos donos. Pois a Dádiva pressupõe a obrigação de retribuir, não necessariamente com o mesmo objeto ou uma classe de objetos pré-definidos. Nesta situação descrita, há um novo ponto de confluência entre o Kula e a Dádiva: há um processo de estabelecimento do valor de equivalência do presente ofertado e recebido. Mas no Kula, é o doador quem estabelece o valor do contra presente, enquanto nos sistemas de Dádiva-troca mais amplos, o valor do contra presente (ou da retribuição) é determinada pelo receptor que se sente na obrigação de devolver, mediado em valores (não necessariamente econômicos), igualando ou superando, o presente recebido.

Para finalizar, é preciso ter em mente que estas categorias são mutuamente complementa-

res, haja vista, que desenvolvimento do conceito de Dádiva foi estruturado por Marcel Mauss já tomando como base a noção de Kula de Malinowski. Apesar de serem interdependentes, são ao mesmo tempo, complementares.

REFERÊNCIAS

- DZIMIRA, Sylvain. Une vision du paradigme du don: Don, juste milieu et prudence. **Revue du Mauss**. 22 nov. 2014. Disponível em: http://www.revuedumauss.com.fr/media/Paradigme_du_don.pdf. Acessado em: 17 jun. 2017.
- ERIKSON, Paul A.; MURPHY, Liam D. **História da Teoria Antropológica**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.
- FOURNIER, Marcel. **Marcel Mauss ou a dádiva de si**. Conferência proferida na 16ª Reunião Nacional da ANPOCS. Caxambu, outubro de 1992. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_21/rbcs21_09.htm. Acessado em: 17 jun. 2017.
- LANNA, Marcos. Nota sobre Marcel Mauss e ensaio sobre a dádiva. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, n. 14, p. 173-194, junho de 2000.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (Col. Os Pensadores, vol. 43).
- MANDELLI, Mariana Carolina; SOARES, Michel de Paula; FAVERO, Raphael Piva Favalli. 2017. "William Halse Rivers". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/autor/william-halse-rivers>. Acessado em: 02 jun. 2020.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **RBCS**. Vol. 23 nº. 66, fev. 2008. P.131-138.